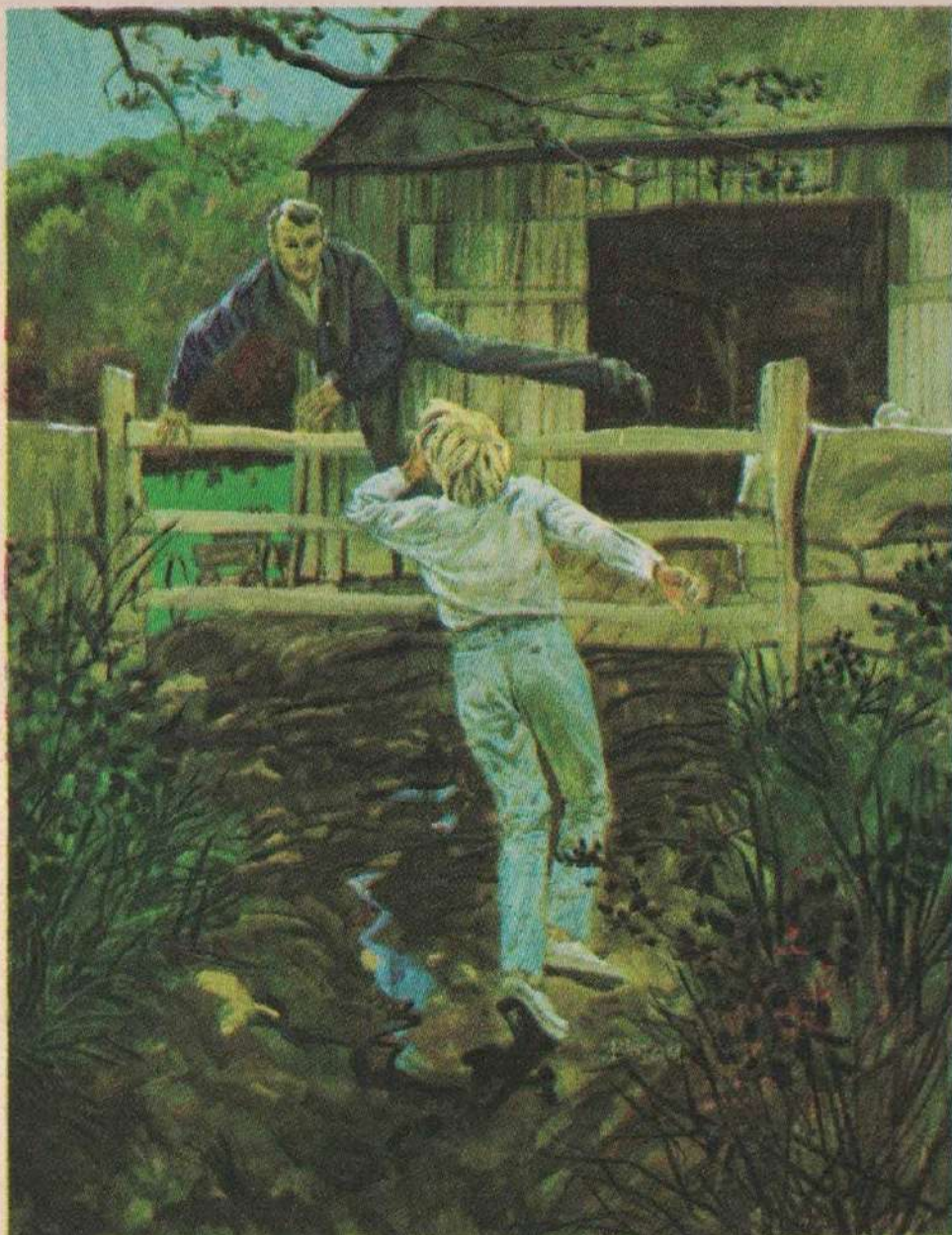


Condensado de
"OX BELLS AND FIREFLIES"

ERNEST BUCKLER



*Até ao acidente,
Marcos não sabia que
pais não costumam
falar de amor*

A Descoberta

CHAMEMOS AO homem José. E Marcos a seu filho. Duas cicatrizes marcavam o olho esquerdo de Marcos como colocando-o entre parênteses desde os 12 anos de idade. Mas eram pontos finais, não parênteses, na pontuação da vida do menino. E a razão tinha que ver com o pai.

José não tinha nada da rigidez que acompanha uma solidez de rocha. Ele era um desses homens que projetam a maior das sombras, sem

que no entanto haja nêles qualquer escuridão. Entretanto, havia sempre um certo embaraço entre ele e o filho. Na casa de um vizinho, num domingo à tarde, Marcos podia estar mais próximo d'êle que de qualquer outra pessoa; mas nunca lhe subia ao colo, como os outros garotos faziam com seus pais. José nunca brincava com o menino. Nunca lhe fêz qualquer daqueles modelinhos de ferramentas de campo que os outros fazendeiros faziam para os fi-

lhos: carrinhos de boi ou trenzinhos.

Esse tipo de artesanato meticuloso não era o seu forte. Sua ferramenta era o arado.

Um dia êle encontrou Marcos plantando umas sementes entre as batateiras.

—Que é isso?—indagou José.

Marcos era capaz de driblar as perguntas de qualquer outra pessoa; a seu pai não conseguia jamais responder senão com tôda a verdade.

—São sementes de laranja—respondeu êle.

Marcos guardara-as desde o Natal anterior. Laranjas eram tão raras na Nova Escócia que era como se êle estivesse plantando um mistério.

—Não brotarão aqui—disse José.

Marcos sentiu-se ridículo, como tantas vêzes acontecia quando seu pai descobria alguma fantasia sua: fazia com que êle voltasse imediatamente ao bom senso da vida real. Arrancou as sementes e plantou-as, às escondidas, atrás do paiol.

A NOITE do acidente foi uma daquelas noites frias de garoa do início do verão quando os animais se agrupam no pasto como estátuas desoladas. O tipo de noite em que as vacas nunca voltam sòzinhas para casa.

Fôra o último dia de aula. Marcos estava muito animado. Durante todo o tempo em que sua mãe lavava os pratos do jantar, tagarelou sôbre os reis e rainhas da Inglaterra que êle teria de estudar no ano seguinte. Sentia-se muito maior do que o “pirralho” que fôra ontem.

Seu pai estava esperando para ordenhar as vacas.

—Não está na hora de você ir buscar as vacas?—perguntou afinal.

Êle nunca dava ordens a Marcos.

As vacas! Marcos teve um movimento de contrariedade. Logo agora que êle estava quase *enxergando* o menino Plantageneta, coberto de arminho, com a coroa cravejada de pedras preciosas!

—Elas voltam sòzinhas, não voltam?—perguntou êle. (Mas sabia que não.)—Voltaram ontem à noite.

—Não vão voltar numa noite como esta—respondeu José.—É provável que estejam escondidas para se protegerem da chuva.

Marcos partiu então, mas, como José não pôde deixar de notar, contrariado.

Quando chegou à porteira, Marcos gritou chamando as vacas. Mas não se ouvia tinido algum de cinorro. Seguiu com cuidado pelo caminho do pasto até à primeira clareira. Nenhuma vaca à vista. Mas Pedro, o cavalo, estava lá—encolhido, com um ar triste, sob a garoa. Marcos não pôde vê-lo tão desanimado sem tentar afagá-lo.

Aproximou-se e deu uma palmada na garupa de Pedro. O cavalo afastou-se o suficiente para se livrar do contato. Aquela era o tipo da noite em que o contato de qualquer coisa fazia a gente sentir um arrepio por todo o corpo.

Marcos devia saber que Pedro queria que o deixassem em paz. Mas continuou a afagar o cavalo. Tocava-

o, e o cavalo se afastava; seguia atrás dêle e tocava-o de nôvo. O cavalo inclinou as orelhas para trás.

De repente Marcos viu a grande perna preta recuar, e a pata, como uma súbita mandíbula devoradora, bem diante do seu olho esquerdo. O cavalo não estava ferrado, do contrário Marcos teria morrido.

Ficou tonto. Mas, em um minuto, estava novamente de pé. Pôs a mão no rosto. Ficou cheia de sangue. Começou a gritar e correu para casa.

José ouviu-lhe os gritos antes de o ver. Partiu ao seu encontro. Quando Marcos atravessava a moita dos amieiros abaixo do paiol e José viu que êle estava com a mão no rosto, começou a correr. Antes de chegar à cancela do pasto já estava vendo o sangue.

Êle não parou para tirar sequer uma travessa. Saltou por cima. Marcos nunca o tinha visto mover-se assim. José tomou Marcos nos braços e correu com êle para casa.

Dentro de alguns minutos a casa estava cheia de vizinhos. Marcos deliciava-se com a atenção ofegante que todos lhe prestavam. Pediu a José que o levantasse até ao espelho em cima da pia. "Não, não, José, não faça isso", implorou a mãe, mas José obedeceu ao menino. O rosto de Marcos era uma massa de cortes e contusões. Êle se sentia como um Plantageneta, carregado para fora do campo com reais feridas.

Depois disto, êle não se lembrava de seu pai fazendo ou dizendo nada incomum. Mas fôra José quem se-

renamente pusera as tábuas sobresalentes na mesa da sala de jantar para deitar Marcos nela quando afinal chegasse o médico para dar os pontos. E quando o médico pôs Marcos para dormir, foi a mão de José que, sem tremor, segurou a máscara de clorofórmio.

O médico disse que Marcos devia ficar duas semanas de cama. José ia vê-lo uma vez durante cada dia e novamente à noite, momentos antes de se deitar. O olho de Marcos agora estava fechado devido à inchação e tinha a côr de um pôr-de-sol após uma trovoadá. Às vêzes êle estava com um espelho na mão admirando o olho quando ouvia o pai chegar. Escondia o espelho debaixo dos lençóis. Tôdas as vêzes os dois trocavam as mesmas frases desajeitadas. José era o tipo de homem que parece tristemente desambientado num quarto de dormir. Nunca se sentava.

Na primeira manhã em que Marcos pôde sair de casa, êle havia planejado andar. Mas José levantou-o, sem uma palavra, e carregou-o.

Marcos não protestou. Desta vez, porém, não havia nenhum tumulto de agitação como logo após o acidente para deixá-lo indiferente ao fato de que tinha os braços do pai em volta dêle. Agora a sensação de sacostumada daqueles braços parecia dar-lhe consciência de cada grama do seu próprio pêso. E no entanto, embora aquela fôsse apenas uma bela manhã comum de verão, pareceu-lhe a mais fresca, a mais verde e a mais ensolarada que êle já vira.

No momento em que saíram de casa tornou-se claro para Marcos que êsse não ia ser apenas um passeio sem propósito. Seu pai levava-o a algum lugar determinado. José atravessou com êle no colo o quintal da casa, e desceu pelo declive além até ao local onde êle havia enterrado as sementes de laranja.

Marcos viu para onde se dirigiam ainda antes de lá chegarem. Mas não podia falar. Se o tentasse, choraria.

José depositou-o junto a uma horta em miniatura. Em miniatura, porém com os renques tão perfeitamente alinhados como as ranhuras de uma tábua de lavar. Aquilo não tinha sido trabalho rude de arado. Fôra um trabalho caprichado de forçado e cavadeira, retocado depois por mãos humanas. José devia ter começado a horta logo depois do acidente, pois as sementes já estavam brotando da terra. E êle não dissera uma palavra a ninguém.

—Isto pode ser seu—disse José.

—Oh, pai—começou Marcos.—Ela é . . .

Mas como poderia dizer ao pai o que era? Curvou-se para examinar os brotinhos.

—Que é isto?—perguntou êle, tocando as plantas estranhas do renque de fora.

—Melões—respondeu José, apontando.—E pimentões vermelhos e cidra.

Coisas quase tão fantásticas como as sementes de laranja!

—Nunca se sabe—disse José.—Pode ser até que se criem aqui.

Marcos não conseguia falar. Mas seu rosto deve ter revelado o assombro radiante que havia por trás dêle, pois do contrário José nunca teria dito o que disse.

—Você não acha que eu teria feito você ir atrás das vacas se soubesse que você ia se machucar, acha?—disse êle, quase com selvageria.—Eu não me incomodaria se elas nunca mais dessem uma gôta de leite em tôda a vida!

Marcos lhe deu uma resposta maluca, mas naquele momento não pareceu maluca a nenhum dos dois, porque de repente alguma coisa pareceu preencher tôdas as lacunas da linguagem.

—Você saltou bem por cima das varas da cancela quando viu que eu estava ferido, não foi?—disse Marcos.—Você não retirou nem a de cima. Pulou por cima delas!

José virou o rosto, e pareceu que seus ombros se erguiam num suspiro longo e profundo.

Quando voltaram para a cozinha, a irmã de Marcos perguntou:

—Aonde é que vocês foram?

Sem poder explicar por quê, Marcos sentiu súbitamente uma nova comunhão com seu pai e que o passeio devia ser uma espécie de segrêdo.

—Fomos dar uma volta—respondeu êle.

—Fomos dar um passeio por aí—repetiu José, como um eco.

E Marcos compreendeu então que nunca mais êle teria de se agitar ao ouvir os passos de seu pai. Nunca mais.